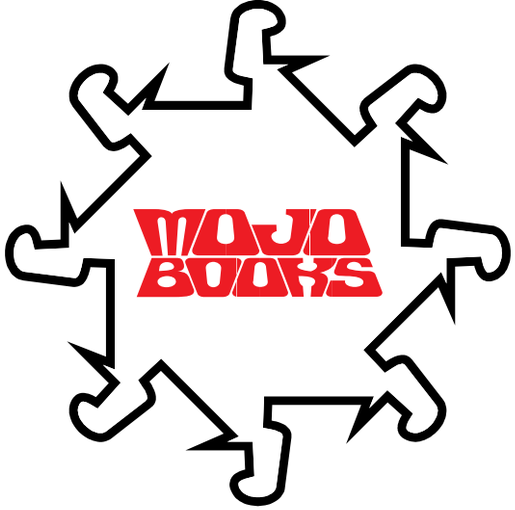
45
recontado por
BRUNO REIS
arcade fire
NEON BIBLE

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

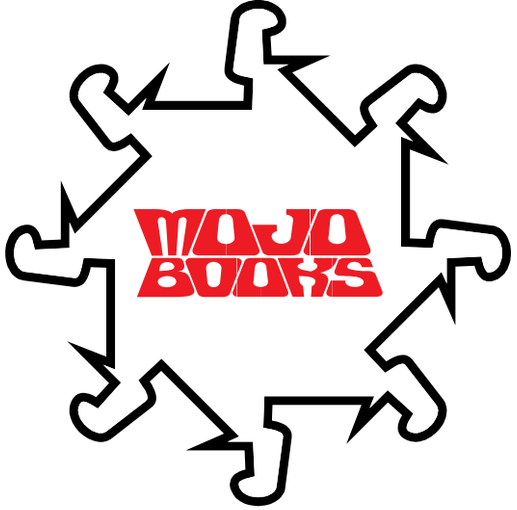
Danilo Corci
organizador



VOLUME 45

NEON BIBLE
arcade fire

recontado por **BRUNO REIS**



VOLUME 45

NEON BIBLE
arcade fire

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição Danilo Corci e Ricardo Giassetti

direção de arte e capa Delfin

revisão Camila Werner

Outubro de 2007

Os trovões que espocavam furiosos no céu chuvoso eram a única forma de iluminar a cama, iluminar o sono que não vinha, os pensamentos que aportavam cada vez mais potentes. A vida seguia um curso tão inesperado que, pela primeira vez em semanas, ele finalmente conseguia pensar à frente. Sua cabeça, fazia tempo, não raciocinava sobre o que viria, apenas processava o presente e, principalmente, o passado.

Resolveu parar de pensar enquanto não era tarde demais. Pensar pode machucar mais do que se imagina. Precisava continuar seu curso determinado pelo destino. Adentraria o mundo ardiloso da aventura criada para esquecer os últimos acontecimentos. “Navegar é preciso”, dizia o poeta. Resolveu acreditar na frase famosa e embarcar no Réginne, barco que roubou de um amigo, apoiado na percepção de que poucas coisas tinham precisão na sua realidade atual. “Agora, ao menos alguma coisa será precisa por aqui.”

O silêncio assustador que se tornou seu grande companheiro no meio do oceano só era quebrado pelo barulho das ondas

insistentes se espatifando em águas infinitas. Percebeu que alguns dias em alto-mar já são suficientes para o tal barulho, antes intimidador, se tornar também silencioso. Os ouvidos se acostumaram com o choque das águas em toneladas, formando um cenário de pasmaceira, tão ermo e seco quanto um deserto. Tão dúbio e confuso quanto sua cabeça.

Era por isso que seus pensamentos doíam tanto, por isso parecia escutar a própria voz tão alta, berros desesperados que não passavam de idéias desconexas e imagens randômicas dos últimos acontecimentos. As vozes perdidas na cozinha, a carta encontrada, aquele rosto contorcido pela dor, mãos e camisa vermelhas, o barulho ensurdecedor dos pingos no chão e sua respiração ofegante. Um adeus dolorido, tanto para ela quanto para ele. Fechou os olhos pela simples impossibilidade de mantê-los abertos.

* * *

Os arquivos eram muitos, as folhas sobravam dentro da gaveta. Mal conseguia dedilhar aqueles papéis amarelados, bolorentos, à procura de alguma notícia, um sinal de que Deus tinha sido generoso. Ele tinha quase certeza de que as bondades

d'Ele vinham apenas para os teoricamente ricos de coração, que passam pela vida a condenar atitudes dos outros por se dizerem bons, mas que por baixo dos panos são tão podres quanto qualquer um. A verdade é que não acreditava em Deus. Não mais, após vê-la morrer na sua frente sem poder fazer nada e clamando a Deus não a tirasse dele.

Tudo bem, ele tinha plena consciência de que não deveria ter enfiado aquela faca em sua barriga. Muito menos tê-la girado, retirado e tornado a enfiá-la com mais força. E por cinco vezes seguidas. Mas o arrependimento, este a gente não tem como matar. Não há maneira de sepultá-lo junto com outros erros do passado, com aquela traição da qual se envergonhava, com aquela bicicleta que surrupiou do garoto da rua de baixo, com o buraco que abriu na porta do banheiro feminino quando ainda esperava que a idade e os pêlos trouxessem a maturidade que nunca governou.

"Mas se Deus é mesmo tão misericordioso, por que não deixá-la viver? Por que não curá-la, fechar os cortes de sua barriga, as lesões de seu estômago, do intestino? Ora, porque Ele não existe, se fosse real teria feito justiça com as próprias mãos e o morto, agora, seria eu." Precisava correr contra o relógio, atabalhoado com as conseqüências que a morte dela traria. Antes de pegar a

estrada precisava ter certeza de que ela morrera. Sonhava com ela em vida, perdoando seu ataque de fúria, refazendo a vida ao lado dele, pacíficos como foram sempre. Remontava todo o roteiro: aquele jantar romântico no Azeredo's quando a conheceu de verdade; a noite mais apaixonada de sua vida, aquelas doze horas de amor incalculável no *Love Motel;* a proposta de morarem juntos vindo dela naquele sábado quente em pleno julho, entre uma e outra casquinha de siri. Queria tudo aquilo de novo.

Os arquivos nada tinham para ele. Tentou raciocinar, percebeu que faziam poucas horas do acontecido. Enlouquecera a ponto de perder a noção do tempo e do espaço, perguntava-se onde esteve horas atrás, tentava refazer seu trajeto. Confusão mental. O cheiro de éter denunciava que se encontrava em algum hospital. Fechou a gaveta, largou no chão os arquivos que retirara e saiu para caminhar calmamente, disfarçando o nervosismo. Abriu a porta e quase ficou cego com a forte luz do corredor. Andou sem olhar para trás e também sem notar que suas mãos exalavam o cheiro do sangue dela, ainda fresco.

Fitou o teto do barco como se saísse de um transe. Sua vida era agora uma grande bagunça, um emaranhado de lembranças, tão embaraçadas quanto seu cabelo, que observava de relance no espelho que ficava à sua frente. Os olhos começavam a se abrir.

Sentou-se na cama, os movimentos do mar, que antes o deixavam enjoado, já não faziam a menor diferença. Acostumara-se a ponto de se imaginar vomitando quando atracasse, na falta do balanço do barco. Mirou suas rugas proeminentes, a barba imensa que acusava o desleixo e o abandono de algumas semanas sozinho em alto-mar.

Como se repousasse suas loucuras momentaneamente, desejou apenas entender-se, descobrir o que o fez matar alguém que amava, fugir num barco roubado e, com experiência nenhuma, adentrar o oceano sem qualquer noção de onde chegaria, por que e quando. Seus dias repetiam-se assim, entre pensamentos fugazes lotados de sabedoria e longas divagações em que não tinha noção se sonhava ou se estava acordado, sem controle sobre sua mente e suas atitudes. Na pia, um pano imundo, com manchas negras do que um dia foi o vermelho do sangue dela. Desceu da cama, enxugou o suor do rosto com o trapo sujo e foi procurar algo para comer.

* * *

Na proa do barco, a chuva batia violenta, derramava-se pelas cordas e pelos baldes jogados no chão. O som do mar aplicado às

gotas de chuva estrondosas produzia uma música sombria, estranha, mas inesperadamente convidativa. Lá de baixo, protegido da água pelo teto, mas ainda assim exposto àquela enxurrada de sons, ele fingia não escutar. Queria enganar a si mesmo, enganar sua percepção, seu ouvido musical que já nascera escutando e processando todo e qualquer som. Num certo momento desistiu de lutar contra a natureza, que parecia querer mostrar a ele que a solidão em alto-mar pode ser interessante. Deixou as notas penetrarem sua mente e criou por lá uma sinfonia inspiradíssima, dotada dos melhores e mais melodiosos instrumentos já criados pelo homem.

Desejou muito tê-la por ali naquele momento. Viu-se levantando da cama com velocidade, puxando a mulher pela mão e encarnando uma cena de cinema em que a trazia nos braços enquanto rodopiavam por uma pista espaçosa e bem iluminada, observados por uma platéia atenta. Os pés se esbarravam levemente num balé calculado, as respirações se tocavam como mãos suaves à procura de repouso, um vento fazia vestidos e cabelos esvoaçantes bailarem ao mesmo som, seguindo a mesma melodia. Ela sorria o sorriso mais bonito que um ser humano poderia ter, tinha os olhos brilhantes que não deixavam os dele sozinhos um só instante. O beijo veio num turbilhão inevitável, carregado de

expectativa e uma paixão tão insana quanto seus devaneios.

No momento em que as bocas deixaram de se tocar, ele sentiu o líquido escuro que escorria dos lábios dos dois. Salgado, viscoso, estranho. Olhou para ela e percebeu que a mulher cobria com as mãos, desajeitada, vários cortes que trazia na barriga. O vestido, antes amarelo, agora estava completamente tingido de vermelho. Ela balbuciava um "Por quê?" dolorido, ainda que sem tirar o sorriso do rosto ou o brilho do olhar. A cena fez com que ele voltasse à realidade. Percebeu o marrom escuro do interior do barco retornar lentamente, os espaços se encurtando, a mulher sumindo na escuridão dominante. Passou a mão com rapidez pela boca e pelo rosto, correu até o espelho enegrecido, o espelho da verdade, que o jogou violentamente de encontro com um rosto assustado, um imenso ponto de interrogação que ele não fazia a menor idéia de como responder.

* * *

O sol entrava leve pelas poucas frestas que ainda sobravam e produzia faixas nas paredes que lembravam obras de arte pós-modernas, daquelas que pouco se entende e muito se sente. É cedo, a luz fraca ainda não é capaz de acordar alguém, mas

ele já não dorme direito faz tempo. Os olhos piscam repetidas vezes, a cabeça dói. Assim que se vê desperto, deixa chegar ao pensamento a imagem dela. Imediato. Nossa mente não costuma perder tempo nesses momentos, assim que pode dá lá uma bela fisgada, faz com que volte ao assunto principal aquele medo maior, aquela maior frustração ou, neste caso, o grande arrependimento. Se o tempo pudesse voltar, "se eu pudesse fazer tudo de novo...", sabe-se lá o que aconteceria. Preferiu virar-se para o lado e forçar um novo sono. Em poucos minutos descobriu que seria impossível.

Era pra ser um dia especial. Trouxe para a casa dela um buquê de flores. Tulipas, suas preferidas. Rosadas, passavam em degradê para um branco sujo, quase amarelado, mas belíssimo. As folhas verdes emolduravam as outras cores, abrilhantando o aspecto das pétalas rosadas, do caule claro que encontrava-se manso com as flores. Sabia que iria agradar. O sorriso no rosto não deixava mentir.

Mas sorriso era o que faltava no rosto dela. Aquele sem graça, tímido e amedrontado que conseguiu esboçar quando viu as flores, não se pode nem ao menos chamar de sorriso. Teve o efeito contrário, fez tremer, e ele tremeu porque sabia que alguma coisa estava errada. O aniversário de três anos de namoro, antes uma

data esperada com felicidade, parecia agora um martírio para a mulher. Recebeu as flores, agradeceu sem o menor entusiasmo. Deu-lhe um beijo sem gosto, a mão que encostou em sua nuca suava. Alguma coisa estava errada. Muito errada. Disse que iria arrumar uma jarra para as flores e adentrou a cozinha vagarosamente.

Percebendo seu desânimo, ele preferiu não questionar. Sentou-se no sofá a observar seus movimentos. Jarra na mão, flor na outra. Olhava o buquê com um certo quê de consternada. Alguma coisa estava mesmo muito estranha, ela não era de silêncios longos, de olhares perdidos como este. Sua habilidade com situações estranhas como esta lhe permitiu observar mais um pouco. Ela voltou à cozinha e de lá saiu com uma travessa de lasanha, a fumaça a levantar-se do queijo, tomando a sala como uma névoa dispersa - o cheiro dava água na boca. Apenas olhou pra ele e sentou-se à mesa, ação que ele repetiu como se já soubesse o roteiro desta cena de cor e salteado.

"Tá tudo bem?", ele perguntou ao se sentar. "Tá sim", foi a resposta evasiva do lado de lá. Serviu a lasanha nos dois pratos e começou a comer. A paciência dele começava a dar sinais de esgotamento. Aquele jogo misterioso não estava mais interessante, uma irritação começou a brotar assim que ela enfileirou

garfadas e mais garfadas da comida, como se quisesse ocupar a boca com qualquer coisa que não fosse palavras de explicação. Ele não tocou na comida, apesar de sentir uma fome descomunal. Apenas olhava pra ela, que continuava a meter roboticamente garfos e mais garfos de comida na boca, sem olhar para frente ou para os lados - apenas pra baixo. Quando terminou seu prato, com relativa velocidade, levantou os olhos e fitou o pedaço intacto da lasanha dele. Normalmente estranharia e perguntaria qual o problema. Não desta vez. Apenas se levantou e levou tudo pra cozinha.

Agora a raiva tomava conta dele. Aquele comportamento era inaceitável, ela não podia agir daquele jeito em pleno aniversário de namoro, dia tão aguardado, planejado. Enquanto ela se dirigia para a cozinha com seus utensílios, ele se levantou e foi direto para o quarto dela. Abriu janelas, guarda-roupas, gavetas. Não precisou procurar muito: em cima da cama, entre lençóis retorcidos e um travesseiro que deveria ter sido o destino de muitas lágrimas, jazia uma carta. Aberta, o envelope de um lado trazia o nome de uma empresa. O remetente era de Houston, Estados Unidos. Mal conseguiu concatenar as frases em inglês, mas não precisava de muito pra entender que ela havia sido aceita em uma empresa de

grande porte naquela cidade. Entre as coisas que entendera estava a data da partida: dali a duas semanas.

A partir deste momento, poucas lembranças sobrariam para ele. Um ódio potente o deixou cego, surdo, fora de si. No dia do aniversário de namoro, ela recebera a notícia de que iria embora. Sentiu-se traído, nunca soube de nenhum interesse dela em partir, em mudar de empresa, de estado, muito menos de país. Viva dizendo que amava o Brasil. Vivia dizendo que o amava. E planejou ir embora sem contar nada para ele. Nada. Traição. Surgiu de repente na sala, arrancou as flores da jarra e enfiou nela a carta e o envelope. Recém-chegada da cozinha, ela mal teve tempo pra entender. O faqueiro que adornava a sala serviu como arsenal. Retirou dali a faca que primeiro se apresentou. Não escutava seus gritos, não sentia os socos e os chutes que tomava, nem ao menos conseguia ver o que estava fazendo. Suas forças estavam todas concentradas no braço direito, que fincava a lâmina cega na mulher e fazia rombos em sua barriga, esguichando sangue por todos os lados. Ao final, deixou a faca onde estava e lavou as mãos na água da jarra de flores.

Apenas alguns flashes espaçados daquele dia ainda habitam sua memória. Lá fora um oceano de barulhos infernais

atrapalha qualquer tentativa de pegar no sono por mais alguns minutos. Dos ruídos que ouve constantemente, apenas a voz dela, aquele “Por quê?” dolorido, consegue chegar ao seu ouvido. À moda de um sino, repetitiva, a pergunta ressoa como se ele tivesse o poder de respondê-la. E ele sabe que não pode. Como se ele tivesse escolha a essa altura dos acontecimentos. E ele sabe que não tem. Sua cabeça doía, parecia querer externar alguma coisa. Levantou-se da cama veloz, procurou pelo único pedaço de mapa que ainda sobrava no barco. Precisava escrever o que martelava em sua cabeça desde o dia em que colocou os pés no Réginne. Tomou o mapa nas mãos, rabiscou nele algumas frases desconexas e colocou-se a ler tudo repetidas vezes. Escrevia, parava, lia, escrevia, parava, lia. Sua perturbação ficou ainda mais aflorada com aqueles escritos. Não fazia a menor idéia de onde estava, nem pra aonde iria. A única certeza naquele momento era a de que o destino tinha sido por demais duro com ele e alguém tinha que pagar por isso. Para sofrer as conseqüências, ele próprio se considerava o principal candidato.

* * *

“O que faço aqui neste isolamento doentio? Por que me releguei a esta insólita viagem, sem saber de onde saí ou pra aonde vou, por onde navego ou quando chegarei? Serei eu um Anticristo? Ou alguém que pensa à frente? Serei eu um anjo liberado por um Senhor no qual não creio, de quem não tenho as mínimas referências para me tornar súdito?” Procurava respostas em suas próprias perguntas e se viu sendo respondido por elas num momento ímpar, quando subia para a proa do Réginne guiado pelo barulho ensurdecedor do mar e pela violência das gotas raivosas que caiamm do céu. Uma chuva tão grossa quanto seu sentimento de culpa. Inundado de pensamentos, ele viu ao longe uma imensa formação tomar corpo. Os questionamentos incessantes mal davam lugar para sua curiosidade assumir. Sua cabeça fervilha. O céu quase negro da noite assumiu um tom cinza escuro, produzido pelo teto de nuvens. Seus olhos procuravam estrelas redentoras que não deram as caras. “Quem sou eu? O que me reserva o destino? O que eu realmente mereço?”, ele repetia-se como um mantra pela descoberta e, sem se dar conta, acabou percebendo que aquela formação que tomava corpo no oceano se aproximava em impressionante velocidade.

Tinha acabado de acordar. Esticou o braço e a alcançou

com facilidade. Estava bem ali, do jeito que estava quando ele adormeceu sentindo sua mão enrolar-se em seus cabelos crespos. Sem precisar falar nada, nem balançá-la com a mão ou cutucar sua barriga, ela abriu os olhos lentamente, buscou a mão dele com a sua e o puxou com firmeza pra si. Ainda sonolentos, se abraçaram com a força que lhes restava àquela hora da manhã e se beijaram. As pernas entrelaçaram-se como se fossem constituídas de ímãs que se procuram com imediatismo. Os corpos se uniram e ele enfiou o braço por baixo do corpo dela, a cabeça repousou entre seu rosto e o travesseiro. Ele a respirava. Aquele cheiro não sairia mais dele, tinha certeza absoluta de que nunca mais esqueceria a fragrância natural da sua bochecha, nem a da sua nuca, nem a do interior de suas coxas, todas elas se misturando naquele momento como um resquício da noite inesquecível que tiveram horas atrás. Totalmente absorta em pensamentos, ela começou a cantarolar sua canção preferida no ouvido dele, que apenas abriu um sorriso quando a frase “we can reach the sea, they won’t follow me” o atingiu. Olhou para ela, os olhos ainda tímidos ao se abrirem, colados pelo sono recém-vencido, e disse: “Morro. Por você eu morro.” Interrompendo a música com um sorriso agradecido, ela respondeu que ele

não precisaria morrer por ela. “Vivos ou mortos, estaremos sempre assim, juntos, grudados um no outro.”

A onda continuava a crescer e se aproximar com rapidez. Completamente ensopado pela chuva e pela água salgada que vez ou outra lambia seu corpo, ouviu aquela frase mágica uma vez mais. A voz calma que trazia a intensidade sincera de uma declaração de amor insistia em se repetir, alternando-se na mente perturbada do homem com os por quês que o reduziam a pó de pura culpa. No meio do mar insano a onda se levantava, enegrecida pela fúria, faminta, assustadora. Mas, ao invés de tentar se proteger, ele caminhou para a ponta mais íngreme do barco. Com um sorriso no rosto e de olhos fechados, abriu os braços e deixou que mais e mais pingos de chuva o acertassem. Suas pálpebras se levantaram e deixaram que ele visse o enorme muro de água que se aproximava do Réginne. Uma onda gigantesca, preta como a noite que se escondia por detrás daquelas nuvens, à beira de reduzir o barco e tudo que se encontrava nele a pedaços insignificantes. O sorriso não o deixou nem quando gritou a plenos pulmões “Meu corpo é uma gaiola de onde quero me livrar. Minha mente é um presídio. Liberta-me!” No momento seguinte, um silêncio antecipou o estrondo do barco sendo esmigalhando no mar, num brutal

encontro de toneladas de metal e toneladas de água. Quando veio a calmaria, apenas um pedaço de papel boiava no local onde antes estava o Réginne. Era o mapa, rabiscado com alguns pensamentos. Naquele bilhete flutuante, escrito com uma letra tremida e quase ilegível, uma frase se destacava: *"the neon bible is right".*

FIM

SOBRE A BANDA

Criado em Montreal, Canadá, o Arcade Fire rapidamente se mostrou como uma das bandas mais relevantes do cenário musical da década 00. Formado por Win Butler, Régine Chassagne, Richard Reed Parry, William Butler, Tim Kingsbury, Sarah Neufeld e Jeremy Gara, eles fazem uma explosão sonora com diversos instrumentos musicais, em especial com guitarra, bateria e baixo; mas também piano, violino, viola, violoncelo, xilofone, teclado, acordeão e harpa. Adorados pelo cenário indie, o Arcade Fire tem em *Neon Bible,* seu segundo álbum, uma ponte para sua solidificação. Totalmente gravado numa igreja comprada pela banda, graças à acústica do local, o disco quebrou barreiras em todo o mundo e acabou com a sina da "maldição dos segundos discos" para banda que alcançam sucesso logo de cara. Repleto de sonoridades ecumênicas, *Neon Bible* mostra toda a versatilidade da banda, numa atmosfera soturna.

CRÉDITOS ORIGINAIS

NEON BIBLE - ARCADE FIRE

Design Tracy Maurice

Lançado em 6 de Março de 2007

Selo: Merge

Produzido por Arcade Fire e Tracy Maurice

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.arcadefire.com

SOBRE O AUTOR

Bruno Reis é publicitário por formação e escritor por paixão. Além dos serviços de redator para a Nave Comunicação, assina semanalmente a *Coluna B* sobre música alternativa, cinema e cultura pop no jornal A Gazeta de Vitória-ES e a coluna *Ópio no Café,* de contos, na Revista Paradoxo. Escreve contos e crônicas em seu *blog, Misquilinas Variadas* e é editor e um dos proprietários do *Outernative, site* de música alternativa e cinema. Tem 26 anos, nasceu em Cachoeiro de Itapemirim (ES) e mora em Vila Velha.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPATILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:
· copiar, distribuir, exibir e executar a obra
· criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.
Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

· Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
· Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

45 NEON BIBLE

ARCADE FIRE

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. BLACK MIRROR
2. KEEP THE CAR RUNNING
3. NEON BIBLE
4. INTERVENTION
5. BLACK WAVE/BAD VIBRATIONS
6. OCEAN OF NOISE
7. THE WELL AND THE LIGHTHOUSE
8. (ANTICHRIST TELEVISION BLUES)
9. WINDOWSILL
10. NO CARS GO
11. MY BODY IS A CAGE